
Formação de educadores populares na perspectiva de Paulo Freire

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti
Departamento de Educação-Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP
rotta@fct.unesp.br

Este texto apresenta dados do trabalho que vem sendo desenvolvido por meio do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) e Programa Alfabetização Solidária (PAS), na Extensão Universitária; em que são postos em prática a teoria das salas de aula dos cursos de licenciatura e também, aonde se criou um espaço de estudos e pesquisas. Os alunos bolsistas/PROEX trabalham diretamente com sala de aula de alfabetização e de capacitação de professores da rede de ensino municipal e de monitores nos assentamentos rurais da região. A forma de desenvolver o trabalho de alfabetização com as camadas populares levou-nos a refletir sobre a prática pedagógica e a didática da alfabetização. Tendo a educação popular como base para o desenvolvimento do trabalho pedagógico; iniciamos com o diagnóstico dos alfabetizandos em que busca-se conhecê-los como sujeitos cognoscentes e que tem um saber, esse mesmo procedimento é adotado com os bolsistas. Neste compromisso, a Educação de Jovens e Adultos tem um papel essencial, pois, ao mesmo tempo, que formamos fazemos formação numa construção coletiva.

Palavras-chave: Alfabetização. Didática. Extensão universitária. Formação do educador popular

1 Introdução

A preocupação em formar educadores populares na universidade é um desafio para pensar a educação popular, porque todo o currículo é voltado para a formação de professores. Um dos motivos é que são poucos os estudantes que tiveram, antes de serem universitários, a oportunidade ou desejo de participar de algum movimento social ou popular. Entretanto, verifica-se que há estudantes com um certo perfil de educador popular, pois, os que nos procuram para participar dos projetos são aqueles que, de certa forma, buscam uma alternativa de trabalho pedagógico que não foi a que ele vivenciou em sua própria escolarização. Em nosso grupo participam estudantes de outros cursos, como de geografia e educação física. Notamos que alguns, também participam dos centros acadêmicos de seus respectivos cursos, ou tiveram alguma vivência anterior à universidade em cursinhos populares, grupos de trabalhos em bairros periféricos de São Paulo ou ainda pais que participaram de sindicatos.

O nosso trabalho se desenvolve principalmente fora da instituição escolar, pois somos chamados a atuar em setores que atendem a população excluída desse sistema. Entretanto os alfabetizados querem que instituições que estamos trabalhando lhes dêem um ambiente escolar. Para tanto, é necessário fazer uma reflexão sobre a instituição que iremos atuar, sejam elas associações, empresas, cooperativas, movimentos sociais, para compreender o dinamismo e as especificidades de espaço que atuamos. Portanto, temos que estudar e discutir como se dará a organização do trabalho pedagógico, como se dão as estruturas de poder e de decisão da instituição, os níveis de participação de seus agentes, a disponibilidade de recursos

tanto humanos quanto materiais. Temos, enfim, que conhecer toda a rede de relações que se forma e transforma o fazer diário.

Este trabalho se resume em atender as necessidades dos graduandos de acordo com os problemas que aparecem na sala de aula e buscar nas teorias de ensino e aprendizagem de jovens e adultos as respostas para o fazer pedagógico. Para isso, temos encontros semanais de estudos e de discussões que tratam sobre como transformar os conhecimentos teóricos em práticas pedagógicas coerentes com as necessidades culturais de cada grupo.

Com uma visão institucional-pedagógica que abrange todas as situações de ensino, nos envolvemos com os objetivos, conteúdos do ensino, as atividades e o material didático, a linguagem, os meios de comunicação e as formas de avaliar.

Desenvolvemos em nossa região o Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Oeste Paulista (Fejaoesp) que tem como objetivo discutir essa modalidade de ensino com todas as pessoas interessadas da região, ao mesmo tempo em que socializamos o conhecimento da universidade, pois acreditamos que temos como dever ouvir e falar sobre EJA. Temos tido uma frequência grande dos dirigentes de educação nos encontros dos Fóruns. Nesses encontros, temos discutido, principalmente, sobre as salas de alfabetização de jovens e adultos da zona rural, um lugar não considerado, inicialmente, parte do município, pois houve um período de negociações com o Instituto de Terras e Colonização da Reforma Agrária (Incra) e a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) até que os assentamentos estivessem instituídos. Entretanto, verificamos a maioria dos municípios possui a estrutura física para as salas de alfabetização, o transporte, a merenda e a demanda social.

Essas discussões fizeram com que muitos dirigentes mudassem seu modo de ver o estudante jovem e adulto da zona rural, que se preocupavam apenas em oferecer o ônibus escolar para chegar até a sala de aula na cidade. Hoje temos no município de Rancharia uma “Proposta de Ensino Rural para os Assentamentos”, em que as monitoras que trabalhavam como voluntárias foram contratadas para dar continuidade ao trabalho desenvolvido por meio do Programa Nacional de Educação de Adultos na Reforma Agrária (Pronea). Mesmo com a mudança da secretária de Educação do município esta proposta está tendo continuidade. Este espaço conquistado em nossa região é importante porque temos uma mostra de que os alunos do campo devem ficar no campo e que as pessoas com experiência de professoras em alfabetização para o campo devem ser valorizadas.

A cada Fórum temos a participação dos bolsistas organizando, elaborando, convidando e discutindo o próximo tema a ser debatido. Já foram debatidos os seguintes temas: Educação no campo, A educação no presídio, o Brasil alfabetizado, a adolescência e a juventude em seus múltiplos aspectos em conflito com a lei, a Inclusão dos cegos, e outros temas pertinentes com a demanda.

Compreendemos a importância dos bolsistas fazerem parte de toda essa discussão, pois esta é uma das formas de se profissionalizarem pois, acreditamos no alerta de Perrenoud (1993) de que para ser profissional, o que não acontece espontaneamente, seria preciso que se participasse do universo político e pedagógico e que não basta ações que preparem professores competentes no sentido técnico, é necessário um profissional que conheça para que sistema está trabalhando e reflita sobre quais ações pe-

dagógicas/políticas podem encaminhar possíveis transformações.

Participamos desde 2000 do Programa de Alfabetização Solidária (PAS), inicialmente no município de Itabaianinha, durante três anos, e depois, desde 2005, no município Tomar do Genro no Estado de Sergipe. Com esse programa temos 10 salas de aula e 11 pessoas para serem capacitadas em nossa cidade - Presidente Prudente, Estado de São Paulo. Desde o início nossas estagiárias do curso de Pedagogia, participam de toda a discussão para a implantação do curso de capacitação, que teve no começo 100 horas presencial. A participação dos bolsistas é muito significativa, pois, tivemos que estudar muito, pois o curso de pedagogia não proporcionava fundamentação teórica para essa especificidade da educação. A nossa meta foi de elaborarmos um caderno para as futuras alfabetizadoras que contivesse informações básicas do PAS, uma introdução à Educação de Jovens e Adultos, as teorias que embasam a alfabetização e algumas atividades que pudessem ser utilizadas pelas pessoas que estariam em sala de aula.

Assim os bolsistas foram tendo a oportunidade de participar de estudos e pesquisas na área de alfabetização de jovens e adultos e na elaboração de cursos de capacitação, em docência, pois compartilharam com a execução dos planejamentos dos cursos de capacitação. Durante o semestre fizemos visitas ao município e aproveitamos para conhecer melhor a realidade desses alfabetizadores e alfabetizados, a história do local, as suas vivências, enfim a realidade das pessoas envolvidas em todo o processo.

Essas estagiárias tiveram a oportunidade também, de conhecer novos lugares e culturas, de se relacionarem com secretários de educação, prefeitos municipais, participaram de festas da cidade, dos locais que essas pessoas fre-

qüentavam, enfim conheceram e vivenciaram uma outra realidade, sabendo que a cultura e a tradição das pessoas contavam muito para uma alfabetização significativa.

Durante esses anos de trabalho de extensão universitária esse Programa possibilitou a oportunidade de vivenciar a realidade da política do Brasil na área de Alfabetização de Jovens e Adultos. Todos estagiários participaram escrevendo e apresentando trabalhos em Congressos, divulgando seus trabalhos e seus novos conhecimentos, assim como elaboraram Seminários na Faculdade de Ciência e Tecnologia – Unesp apresentando novos estudos.

Participando de programas oficiais concluímos que o desenvolvimento do trabalho foi muito maior para a universidade do que para os alfabetizados. Sabemos que esses programas foram bons para que as universidades comesçassem a se interessar por essa modalidade de ensino, podemos dizer que por meio da Extensão Universitária e dos programas muitas pessoas das universidades “acordaram” para essa modalidade de ensino.

Com essa questão o PEJA, da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), abriu um espaço no Congresso de Formação de Educadores para ser um local de discussão – O Grupo de Estudos em Formação de Professores de Educação de Jovens e Adultos. Pela primeira vez, em 2003, levamos essa preocupação para a plenária desse Congresso.

Apesar dos nossos trabalhos serem na extensão procuramos elaborar com os alunos pesquisas de práticas pedagógicas nas salas de aulas sobre as necessidades dos professores que atuam nesta modalidade de ensino, e buscou-se sensibilizar por meio das discussões nos Fóruns, com os dirigentes da educação que a EJA é direito de seu cidadão.

2 Metodologia

Optamos por uma abordagem qualitativa neste trabalho, porque esse tipo de pesquisa permite um contato mais direto e prolongado com o objeto pesquisado. Como este trabalho foi sendo realizado depois de termos participado ativamente do programa de alfabetização de adultos, acreditamos ser a metodologia qualitativa mais adequada, pois a presença do pesquisador foi integral em quase todas as atividades para a investigação e, também, ocorreu no ambiente natural, sem qualquer manipulação de investigação intencional do pesquisador.

Vários são os fatores que nos levaram a essa opção. Podemos citar alguns como Lüdke e André (1986) enfatizaram. Para essas autoras é muito importante a forma como os dados são coletados. O pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois aquilo que parece não ter importância, pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

Outros fatores citados pelas autoras foram:

- 1- *“A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto”*. A nossa preocupação com o processo de formação do educador popular sempre esteve presente e muito mais forte do que com o resultado.
- 2- *“A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo”*. Não nos preocupamos com a comprovação das hipóteses, muito pelo contrário, entramos nesta pesquisa sem uma hipótese para comprovar, mas simplesmente uma pergunta: “Como formar o educador popular de EJA ?”.
- 3- *“Os dados coletados são predominantemente descritivos”*. Para isso descrevemos os pro-

gramas que participamos e as mudanças atitudinais dos bolsistas que participam do programa;

Acreditamos, portanto, que conforme nos diz Lüdke:

A pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. (1986, p. 13)

De acordo com a pesquisa qualitativa, optamos pela abordagem etnográfica na pesquisa educacional. Essa opção foi feita porque utilizamos, a princípio, a observação participante, mas a abordagem etnográfica vai muito mais além, como explicam Lüdke e André:

- 1- O problema é redescoberto no campo: a nossa postura de pesquisador nunca foi inflexível em relação ao objeto estudado, pois, como estamos mergulhados no processo de formação, partimos daí para rever e aprimorar o nosso questionamento inicial;
- 2- O pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente: os encontros semanais para estudos e aprofundamentos se complementam com as reuniões pedagógicas semanais e as visitas às salas de aula. Aqui o autor citado por Lüdke e André - Wolcott - mostra a importância da “[..] necessidade de uma longa e intensa imersão na realidade para entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo estudado”. (p.14);

3- O pesquisador deve ter tido uma experiência com outros povos de outras culturas: para nós esse item foi contemplado por já termos participado de muitos cursos de formação de professores para a rede estadual e municipal de ensino desta e de outras cidades e também por meio das leituras de outras experiências de outros pesquisadores o que muito colaborou para a análise de nossos dados;

4- A abordagem etnográfica combina vários métodos de coleta: utilizamos também os relatórios anuais dos bolsistas como um “feedback” das discussões que acontecem em nossos encontros, assim como as apresentações que fazem em congressos e as participações de três bolsistas, desde 2002, na Iniciação Científica com bolsa CNPq.

5- O relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários: buscamos observar e conversar informalmente com os bolsistas sobre as questões de vida, a continuidade nos estudos, a pesquisa para poder entender suas histórias de vida, suas ansiedades e expectativas.

Lüdke e André(1986, p. 15) evidencia a afirmação de Schatzman e Strauss (1973):

[...]nesse tipo de pesquisa o problema não precisa estar diretamente vinculado a uma linha teórica predefinida nem é necessário que haja hipóteses explicitamente formuladas. Parece ser suficiente que o pesquisador possua um esquema conceitual a partir do qual possa levantar algumas questões relevantes. Diversamente de outros esquemas mais estruturados de pesquisa, a abordagem etnográfica

parte do princípio de que o pesquisador pode modificar os seus problemas e hipóteses durante o processo de investigação.

3 Discussão

A nossa reflexão nos leva ao encontro de Paulo Freire, pois por meio de estudos de sua obra podemos constatar sua contribuição para a formação do Educador Popular nos cursos de licenciatura nas universidades.

Antes, porém, precisamos de uma clara e objetiva conceituação de formação, e encontramos em Adorno (2003), a declaração de que a crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna, pois numa concepção antiga, Hegel, adverte que o aperfeiçoamento era um contínuo progressivo em direção à universalidade, enquanto hoje, a universalidade nos defronta como totalidade pronta, sólida, com que se estabelece uma experiência em que se apresenta efetivamente.

Podemos hoje, refletir que a formação do educador popular, segundo a perspectiva de ser formado na universidade, está atrelada à história de vida de cada estudante que busca um aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos. Quanto às qualidades que um educador popular deve ter, podemos afirmar o que os estudantes/bolsistas concordam, ressaltando as qualidades que mais estiveram presentes nas falas dos bolsistas e que coincidem com as posições dos autores que temos estudado nessa pesquisa:

- ✦ saber ouvir: este é um ingrediente indispensável ao educador popular; ele aprende a ouvir e a sentir a realidade de seus educandos e seus educandos que aprendem

a falar e a discutir sua própria realidade; há o diálogo entre educador e educandos, como diz Freire (1997).

- ✦ saber explicar: o educador popular tem que ter domínio da linguagem e da matemática, ele recria os conteúdos, como afirma Ireland(2000), articulando os de ensino regular com os práticos, tal como Ribeiro, (2000); sabe gerir situações de ensino/aprendizagem mantendo o interesse, esperando que os alunos compreendam as lições expostas de forma gradativa e dialógica, como declara Perrenoud, (1993).
- ✦ saber dar atenção: o educador popular tem sensibilidade, empatia, se identifica com os sujeitos do processo educativo, luta a favor da democratização e mergulha nos sonhos de seus alunos para quando se afastar, entender o universo de seu educando, enfatiza Freire, (1997).
- ✦ ter compromisso: o educador popular tem consciência politizada como processo biográfico, histórico e coletivo, enfatizam Frei Betto (2000); a profissão docente detém a responsabilidade das influências políticas, econômicas e culturais. Tem compromisso com os sonhos de seus alunos. O educador popular é aquele que tem lealdade e comunga com os anseios e desejos de libertação e se coloca a serviço das classes populares. (FREIRE, 1997)

Vimos, por meio das entrevistas, os momentos importantes para a formação do Educador Popular, assim podemos declarar que os cursos oferecidos pelo PEJA/PROEX, os encontros semanais, os Fóruns, trouxeram momentos de encontros e oportunidades para nos conhecer e, conhecendo-nos, reconstruir a nossa ação pedagógica por meio do diálogo, do

compartilhar experiências, dos debates, fazendo e refazendo o nosso ato pedagógico. Assim, concluímos que algumas ações são particularmente importantes para o educador popular. São elas:

- ✦ O diálogo: Como professores temos muito que falar, mas, como educadores, temos muito que aprender ouvindo, pois, ao aprender escutar aprendemos a falar com o outro, como declarou Freire (1997). Para ele, quem escuta paciente e criticamente o outro é que fala com ele. Assim, escutar, nesse sentido, é disponibilizar a abertura para o outro, e, ao mesmo tempo, ter o direito de exercer a capacidade de discordar, de se opor e de se posicionar ante o outro. Esse autor, falando do escutar, nos orienta para o diálogo, pois quem escuta o outro respeita a diferença. Ao escutar não se discrimina por se sentir mais ou melhor do que o outro, e aprende a falar com o outro que é diferente. Quem escuta, ouve as dúvidas de seus alunos. Esse é o diálogo de um educador democrático e progressista.
- ✦ O diálogo entre a teoria e a prática: Quando o educador após a aula pensa no que aconteceu, no que observou e no seu significado, ele está refletindo sobre sua ação pedagógica. O monitor está dialogando com sua prática por meio da teoria conhecida. O diálogo apreendido no saber escutar, dá o espaço para o aluno falar, o que propicia que, se entenda o processo de seu conhecimento na ação com o saber escolar. Estamos falando do professor reflexivo.
- ✦ O diálogo com a teoria: No curso de graduação, nos cursos de capacitação, nos encontros pedagógicos e informais, há momentos de diálogos com a prática

e as experiências vivenciadas. Tentando resgatar os conhecimentos adquiridos na Universidade, tentamos dialogar, o diálogo não se dá apenas nos momentos de leitura e aprofundamento teórico, mas esses momentos são importantes e precisamos ter espaços e tempos para que isso também se realize.

- ✦ O diálogo com a reflexão: esse é o momento do monitor consigo mesmo, preparando a sua aula, organizando os diálogos anteriores e buscando na escuta de sua sala, a reorganização dos conteúdos, do material e das atividades. Momento importante de sua prática, pois ao rever suas experiências com a classe, pode refazer seu plano de trabalho.

Queremos chamar a atenção para o que não foi verbalizado, mas que percebemos claramente nas conversas informais sobre a confiança. Enquanto não se estabeleceu um vínculo afetivo de confiança e credibilidade, os encontros não se desenvolviam satisfatoriamente. Após um tempo, com o vínculo estabelecido, todos se abriam e contavam as suas expectativas por meio de sua história de vida ou mesmo algum tempo depois, em momentos menos esperados. Assim podemos destacar:

- ✦ Confiança e credibilidade: O estudante que vem de escolas que o fizeram excluído, marcado pelo seu próprio despreparo, assustado, com medo e inseguro, é revelado no silêncio, até que se sentindo seguro, fala. Para Freire (1997), a convivência amorosa vivida ajuda na construção de um ambiente favorável à produção do conhecimento, porque o medo que se tem do professor e os temores serão enfraquecidos à medida

que a confiança estará sendo construída por meio de atitudes éticas. Não estamos nos referindo ao maternalismo que, muitas vezes, pode acontecer, mas enfatizando a importância do vínculo afetivo estabelecido pela ética e pela confiança.

Acreditamos que essas reflexões sejam uma forma de avançar nos estudos de formação dos educadores populares.

4 Resultados

Formar educadores, nesta perspectiva, é transformar as universidades. Torná-la democrática e ter um currículo mais flexível para que os estudantes universitários possam escolher a sua vocação, não como um dom determinado, mas buscando no programa áreas de interesse, montando o seu curso de acordo com suas necessidades. Precisamos de um curso de formação de professores sem grade curricular, sem que os universitários se sintam aprisionados em disciplinas que não estejam voltadas para suprir sua necessidade profissional.

Podemos transformar a formação de professor para a do educador popular partindo de uma prática de ensino que dará conta da formação social. Acreditamos ser importante ouvir e aprender, pois como anuncia Freire (2006): “A formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e aprender com o diferente, são características que nos ajudarão a desenvolver um novo sistema escolar”. Assim, possibilitaremos uma formação com uma tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas.

E, não poderíamos deixar de acreditar, mesmo sendo dito por muitas pessoas que não acreditam, mas precisamos sempre repetir:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que o conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2006, p.23)

Não podemos declarar que essa é a nossa conclusão ou resultado, mas são considerações que podemos fazer diante de nossas reflexões acerca da formação do educador popular na Universidade Pública, porque foi “[...]aprendendo socialmente que, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar.” (FREIRE, 2006, p.24)

Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. ..Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2006, p.24)

Conceptions and practices of popular education in Latin America: Freire's perspective

This article aims to offering contributions for the comprehension of the advances and challenges of the current context of the Popular Education according to the transformation of ideas and practices that occurred in Latin

America, specifically in Brazil, from the second half of the twentieth century. These changes, not only from the conception but also from the practices occurred mainly because of the new demands generated by the social, political and economical changes that were historically observed. They occurred due to the reorganization of the relations of power in the world with the implementation of the current neoliberal politics that brought big changes in the relationships between central and peripheral countries and in the relationships between Society and State including the social and educational policies. We present elements of the new paradigm of the Popular Education according to the systematization of its central intentions, principles and concepts. Finally, we refer to the relationship between this paradigm and the relevance and the currently contributions of Paulo Freire's thoughts, in order to promote a critical and transforming education that is in favor of the poor, dominated and oppressed population interests seeking their emancipation.

Key words: Latin america. Paulo Freire. Popular education.

Referências

- ADORNHO, T.W. *Educação e emancipação*. 3ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2003
- BETTO, F. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. 11ª.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FREIRE P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34ª.Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 11ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- IRELAND, T. D. A construção de um processo de formação para educadores-alfabetizadores: reflexões em torno de uma experiência no nordeste brasileiro. *La Piragua - Revista Latino Americana de Educación Y Política*; n. 17, 2000
- LÜDKE, M. ; ANDRÉ, M. E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação perspectivas sociológicas*. Lisboa: *Publicações Dom Quixote*, 1993.

